



USP ESALQ – ASSESSORIA DE COMUNICAÇÃO

Veículo: O Melhor de Valinhos

Data: 06/02/2014

Link: <http://omelhordevalinhos.com.br/portal/?p=51484>

Assunto: Interior de São Paulo está à beira do colapso em relação à água; Reunião hoje vai discutir a crise hídrica

Interior de São Paulo está à beira do colapso em relação à água; Reunião hoje vai discutir a crise hídrica

O interior do estado de São Paulo está à beira do colapso em relação à água. A vazão dos rios está muito abaixo do normal e algumas cidades já começaram rodízio no abastecimento. O rio Piracicaba está agonizando, registrando a vazão mais baixa dos últimos 50 anos, segundo informações do Consórcio PCJ (Comitê das Bacias dos Rios Piracicaba, Capivari e Jundiá).

As cidades da Região Metropolitana de Campinas (RMC) já estão se preparando para racionar o fornecimento nos próximos dez dias. Se o consumo continuar elevado e não chover, a maior parte dos 19 municípios vai seguir Valinhos e Vinhedo, que já iniciaram o rodízio esta semana.

Mesmo em cidades que ainda não adotaram o racionamento, como Americana e Sumaré, o consumo excessivo tem provocado falta do produto nos locais mais altos.

Em Vinhedo, o racionamento está sendo feito em todo o município em sistema de rodízio por um período de até 4 horas em determinado período do dia. O racionamento acontece de acordo com o consumo de cada região. A cidade capta água em quatro mananciais (Rio Capivari, Córrego Bom Jardim, Córrego da Cachoeira e Ribeirão do Moinho).

Situação crítica

Cosmópolis poderá racionar porque a cidade não tem capacidade para tratar mais água além do volume atual - são tratados 850 metros cúbico por hora retirados do Rio Pirapitingui, que são totalmente consumidos pela cidade. "Se não houver redução no consumo, vai faltar água", disse o secretário de Saneamento Básico, Vital Caló Filho.

Em Artur Nogueira, a situação está crítica, segundo o diretor do Serviço de Água e Esgoto (Saean), Sérgio Facilotto. "Estamos em alerta, mas o volume de água nos córregos represados que utilizamos para captação está cada vez mais baixo e se a população não economizar ou não chover em dez dias, vamos implantar o rodízio", afirmou. A cidade está divulgando panfletos pedido para a população economizar.

Represas particulares

Indaiatuba poderá utilizar a água das represas particulares da cidade para abastecimento, antes de lançar mão do racionamento, informou o serviço de água do município. Há na cidade uma série de açudes que permitirão elevar o nível dos mananciais usados na captação.

Em Americana, o problema maior é o crescimento no consumo, 280 milhões de litros a mais do que foi consumido há um ano e o sistema não dá conta de atender essa elevação em período de seca prolongada como agora. Assim, bairros mais alto acabam tendo o fornecimento interrompido, porque os reservatórios não dão conta de voltar ao nível normal.

Pedreira está em alerta e fazendo campanha para a redução do consumo. Para abastecer a cidade, são retirados 3,2 mil metros cúbicos diários do Rio Jaguari, manancial que está com vazão muito baixa. A Represa Jaguari, em Bragança Paulista, que libera água para esse rio, está com apenas 16% de sua capacidade de armazenamento.

Campinas

O Rio Atibaia, no seu trecho em Campinas, está praticamente seco. Apenas cerca de 0,7 m³/s está descendo o rio, após o ponto de captação da Sociedade de Abastecimento de Água e Saneamento (Sanasa), próximo da Rodovia D. Pedro. Cerca de 5 m³/s chegam na captação e ali 4,1 m³/s estão sendo retirados para abastecer 95% da população da cidade. O que sobra, não consegue dar vazão no rio, que tem a pouca água praticamente parada.

Sumaré

O presidente do Departamento de Água e Esgoto (DAE) de Sumaré, Valmir Ferreira da Silva, fez um apelo para que a população da cidade economize ao máximo a água tratada e distribuída pela autarquia. Atualmente, cerca de 60% da população sumareense é atendida por água captada no Rio Atibaia, que vem das represas do Cantareira.

O Rio Atibaia, onde localiza-se uma das captações de Sumaré, já está com a vazão comprometida e com o menor nível de água já registrado no Verão. O Atibaia e o Jaguari, que formam o Piracicaba, estavam no início desta semana com 18% e 33%, respectivamente, do volume das médias históricas para este período do ano.

O risco de desabastecimento vem do atual período atípico de seca na Região Sudeste do Brasil em pleno Verão, que deveria ser o período mais chuvoso do ano, somado aos constantes recordes de calor - o que aumenta o consumo de água tratada. Na última sexta-feira, dia 31 de janeiro, a temperatura na cidade chegou à marca de 38 graus, aliada a uma baixa umidade do ar. E as previsões indicam que o tempo continuará seco nas duas primeiras semanas de fevereiro, pelo menos.

Tudo isto faz com que "saia" mais água do que "entra" nos rios e represas. A seca já levou municípios da Região Metropolitana a iniciar, desde a semana passada, campanhas para economia de água, alertando a população para que, na continuidade da estiagem, poderá ocorrer racionamento.

"Estamos em uma situação atípica e extrema, a maior seca registrada nos últimos dez anos, que traz a possibilidade iminente de racionamento de água para praticamente todas as cidades da nossa região. Hoje, em Sumaré, já estamos com esta necessidade de fecharmos o cerco ao uso irresponsável, abusivo e ao desperdício da água", afirmou Silva.

Piracicaba

Durante o mês de janeiro, choveu apenas 68 milímetros, sendo que a média histórica é de 335 milímetros para este período. Em medição feita às 7h desta terça-feira (4), a vazão era de 19,3 metros cúbicos por segundo e o nível era de 0,99 metro.

Em janeiro do ano passado, esses números eram, respectivamente, 119,96 m³/s e 2,07 metros. Segundo Luiz Roberto Moretti, diretor do Dae e secretário-executivo do PCJ, desde 1964 não se via uma vazão tão baixa. Para ele, a situação é bastante preocupante e exige cuidados da parte de quem utiliza a água das bacias dos rios Piracicaba, Capivari e Jundiá.

"Devem utilizar a água com racionalidade, evitando o desperdício. É uma situação atípica, anormal. Se não tivermos a reposição do regime normal de chuvas, poderemos ter problemas muito sérios quando chegarmos ao meio do ano", alerta Moretti, se referindo à época da estiagem.

Uso racional

"Se não fizermos uso racional, teremos de racionar e assim a situação fica mais complicada", enfatiza. E a previsão de chuvas para mudar esse cenário não é nada animadora. De acordo com o professor do Departamento de Engenharia e Biosistemas (LEB) da **Esalq** (Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz), Fábio Marin, deve começar a chover timidamente só daqui a uma semana.

"E a previsão aponta 2 milímetros por hora, cerca de 15mm a 20 mm por dia. É algo que não resolve a situação para o rio", observa ele. Mas fazer previsões exatas dez dias à frente é uma tarefa difícil, avisa.

A reportagem do Grupo RAC percorreu alguns trechos do Rio Piracicaba na tarde desta terça-feira, do salto até a Ponte do Morato. O fotógrafo Del Rodrigues entrou no Piracicaba um pouco acima da Ponte

Pênsil e seguiu quase sem nenhuma dificuldade até o início do salto, em busca da imagem perfeita, que mostraria a agonia do rio. E conseguiu.

Cascata vira montanha

O salto parece mais uma montanha do que um rio. Para não molhar suas botas, ele as deixou em um trecho seco. O sol estava tão forte, que seus pés ficaram doloridos e, certamente, surgiriam bolhas.

O piracicabano Ricardo Borges, 62, aproveitou para ver o rio e se assustou. "Só vi o rio assim durante a estiagem. É uma resposta da natureza, para que fiquemos mais atentos com a sua preservação", alerta.

Morador na Rua São José, quase esquina com a Avenida Beira Rio, há 60 anos, o aposentado Maurício Alonso, 62, conta que pescou muito no Piracicaba e parou quando ele "começou a morrer". "Desde que eu moro aqui, nunca vi o rio assim. É uma tristeza", resume. O amigo de Alonso, João Feliciano, frequenta a região da Rua do Porto há 30 anos e nunca viu tão poucos turistas nessa época do ano.

Vale do Paraíba

Os mananciais que abastecem a região estão com os índices satisfatórios e que estão sendo monitorados diariamente, segundo informou a Companhia de Saneamento Básico do Estado de São Paulo (Sabesp). O principal deles, o Rio Paraíba do Sul, está com volume de água dentro da normalidade e, que por enquanto, não há possibilidade de racionamento de água na região, segundo informou a empresa.

Em Vinhedo, população faz estoque de água

No último mês, a primeira coisa que a pernambucana Maria Valdeci dos Santos, de 70 anos, faz depois que acorda é ver se tem água nas torneiras. Antes de tomar café, enche três baldes e todo o tanque de lavar roupa com água, para enfrentar as tardes e noites sem abastecimento. O bairro onde ela mora, o Von Zuben, na periferia de Vinhedo, enfrenta racionamento desde dezembro.

"Todo final de tarde tem faltado água por aqui e quem não tem caixa d'água em casa tem de se virar do jeito que pode para conseguir tomar banho, lavar uma louça e as roupas", conta. Em Vinhedo, na região de Campinas, uma das mais afetadas do Estado, a autarquia municipal de abastecimento realiza desde dezembro o "rodízio por demanda" de água. Por meio de um sistema de monitoramento, quando é notada a falta de água em uma região, é interrompido o fornecimento em outras áreas que estavam com o abastecimento normal para atender o local com problema.

"Se continuar sem chuvas nos próximos 20 dias, a situação vai complicar na cidade", disse o superintendente do órgão, José Francisco Beltramini. Além da água captada no Rio Capivari ter diminuído, as três represas locais estão pela metade. "Eu tenho mulher operada, um recém-nascido e mais duas crianças e tem faltado água todo dia", afirmou Billy Douglas Silva, de 29 anos.

Ele mora no bairro Capela, área alta e densamente habitada onde mais tem faltado água, e anda mais de oito quilômetros de carro para buscar água no Aquários, uma fonte de água tratada pública da cidade. "Chego a fazer isso quatro vezes no dia". Além de Vinhedo, Valinhos já realiza rodízio. Americana, Artur Nogueira, Jaguariúna e Pedreira também trabalham com a possibilidade de racionamento nos próximos dias.

Região e SP acirram a guerra pela água

A seca que está atingindo o Sistema Cantareira, e que poderá comprometer o abastecimento de 14,2 milhões de pessoas, começa a acirrar a guerra pela água entre os municípios das Bacias PCJ e a Grande São Paulo. Enquanto a Sabesp pediu à Agência Nacional de Águas (ANA) a redução de 1,5 m³/s da vazão para as Bacias PCJ, com o argumento de garantir a integridade do Cantareira e o abastecimento da Grande São Paulo, os Ministérios Públicos Estadual e Federal querem que a agência desconsidere o banco de água da Sabesp, para garantir as vazões primárias para a região de Campinas.

"Isso é quebrar o marco regulatório e se ocorrer passa a vigorar o vale tudo, que não podemos permitir", disse o presidente da agência, Vicente Andreu Guillo. Ele informou, depois de se reunir em Brasília com o prefeito Jonas Donizette (PSB) e a direção da Sanasa, que nem foi preciso analisar o pedido da Sabesp, porque o Departamento de Água e Energia Elétrica (Daee) já negou a proposta. A recomendação do Ministério Público está em análise, disse.

Garantias

O prefeito se reuniu com Guillo para obter garantias de que a vazão mínima de 3 m³/s, definida em outorga do Cantareira, seria garantida e também para abortar o pedido da Sabesp. "A proposta da Sabesp é inadmissível. Tirar 1,5 m³/s de São Paulo é reduzir a vazão em 4,5%. Tirar de nós, é reduzir pela metade, o que colocaria Campinas e a maioria das cidades da região em colapso no abastecimento", disse.

Jonas afirmou, após reunião com Guillo, que conseguiu abortar a pretensão da estatal e teve a garantia do governo do Estado de que a demanda não seguirá em frente. O prefeito informou que assim que soube da proposta da Sabesp, entrou em contato com o secretário da Casa Civil, José Aparecido. "Ele me disse que o Palácio não tinha conhecimento da proposta feita pela Sabesp e garantiu que ela não seguirá em frente", afirmou.

Do sufoco ao caos

Procurada nesta quarta-feira (5), a Sabesp informou apenas que "o envio de água do Sistema Cantareira para a região de Campinas segue a outorga definida pela ANA e pelo DAEE. A Sabesp cumpre as determinações desses órgãos".

Para o diretor do Consórcio das Bacias PCJ, uma associação de usuários de água, Francisco Lahoz, a proposta da Sabesp levaria a região de Campinas a uma situação de calamidade. "Com 3 m³/s já trabalhamos no sufoco para garantir o abastecimento. Com 1,5 m³/s seria o caos", afirmou.

O presidente da ANA afirmou que é preciso ter calma nas decisões neste momento de seca, reservatórios baixos, consumo alto e poucas perspectivas de chuva. "Temo que esperar mais um pouco, ver como os reservatórios irão responder e tentar garantir as vazões mínimas para o PCJ e para São Paulo", disse.

Recomendação

Na semana passada, na reunião da Câmara Técnica de Monitoramento Hidrológico (CT-HM), o Ministério Público Estadual e o Federal recomendaram que a câmara enviasse moção à ANA e Daee, para desconsiderar as regras de operação da outorga do Cantareira que estabelece a existência de banco de água formado pela poupança das bacias, para evitar o agravamento da escassez hídrica e o desabastecimento da região. Os promotores enviaram ontem a recomendação aos dois órgãos gestores do Cantareira.

A região de Campinas zerou seu banco de água e São Paulo tem grande quantidade armazenada e vem utilizando para completar a vazão primária de 24,8 m³/s. Ontem a Grande São Paulo estava recebendo 31,9 m³/s, graças a poupança existente no banco de água.

Reunião

O Consórcio PCJ vai reunir hoje o Grupo de Eventos Extremos da entidade para discutir a crise hídrica que está ocorrendo na região por causa da forte estiagem que atinge o Sistema Cantareira, principal fonte de água para a região de Campinas. Na reunião também será debatida a renovação da outorga do Sistema Cantareira, que tem prevista duas audiências públicas na próxima semana, para avaliação da proposta da Agência Nacional de Águas (ANA)

A estiagem afetou intensamente a capacidade de armazenamento do Sistema Cantareira, complexo de represas nas cabeceiras das Bacias PCJ que respondem pelo abastecimento de 9 milhões de pessoas na Grande São Paulo e outros 5,2 milhões nas Bacias PCJ. Atualmente, o Cantareira opera a 20,9% da sua capacidade de armazenamento, um dos piores índices da sua história.